

## Seguir levando a vida, mesmo com os sinais de morte

*Oblatas completam um ano à frente da Associação Mulher Vida em São Paulo*

*e seguem apoiando a mulher em situação de prostituição*

Sob a coordenação da oblata Ir. Maria Helena Braga da Silva, eleita em junho de 2008, a Associação Mulher Vida que faz parte das pastorais sociais da Arquidiocese de São Paulo cresceu, organizou equipe e está ainda mais atuante na região central da cidade. O trabalho contínuo e permanente desse grupo debaixo de sol ou chuva também faz ecoar um grito profético em favor da mulher e contra um sistema sócio-econômico injusto que produz e alimenta a pobreza.

Com aproximadamente 12 pessoas, o principal trabalho acontece com a abordagem das mulheres que atuam como prostitutas nas regiões da Luz, Sé, Santa Efigênia e imediações. As/os agentes também fazem visitas, encaminhamentos diversos e encontros formativos. Mantendo um dos principais traços da pedagogia Oblata, a aproximação da mulher se dá na realidade em que ela se encontra, tentando ouvir e compreender sua história de vida e sua forma de ver o mundo. Através desses encontros, as agentes contam que conseguem ir construindo com elas laços de confiança, o que permite mais tarde uma ajuda efetiva,



Ir. Maria Helena, a dir, ao lado de Sônia Regina, voluntária da Associação Mulher Vida

considerando-se o caso de cada uma e as condições da Associação. “O nosso trabalho é todo voluntário e comungamos do mesmo desejo, ou seja, melhores condições de vida e inclusão social para essas mulheres. Em nossa ação contínua manifestamos a nossa indignação diante do desrespeito em relação à mulher” diz Ir. Maria Helena, coordenadora da Associação. Participando recentemente de um dia de debates sobre a regulamentação da prostituição, na Câmara Municipal de São Paulo, ela reafirmou a importância do trabalho em conjunto com as demais entidades pró-mulher, para se obter um resultado positivo nesse tipo de ação. (Continue sua leitura no site [www.oblatas.org.br](http://www.oblatas.org.br))

## 25 de julho: Dia Internacional da Mulher Negra ganha força no Brasil



O símbolo dessa luta no Brasil é Tereza de Benguela, líder quilombola do século 18, que resistiu por mais de 20 anos à escravidão à frente do Quilombo do Quariterê (MT). A data que também passará a ser comemorada nacionalmente com a aprovação do projeto (PLS 23/09) da senadora Serys Slhessarenko (PT-MT) foi

instituída internacionalmente, em 1992, após o I Encontro de Mulheres Negras Latino-Americanas e Caribenhas. Buscava-se na época e ainda hoje dar visibilidade a situação de opressão de gênero e étnica que vivem as mulheres negras em todo o mundo.

Nos Projetos Oblatas, onde se acompanha de perto a privação pela qual passam muitas mulheres, se constata também que são as negras as que mais sofrem com a violência doméstica e que assumem mais cedo a responsabilidade de comando da família. Debates, manifestações artísticas e culturais devem marcar as comemorações em todo o país.

Fonte: [www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br)

### Erramos:

No Compartilhai 123 (semana passada) onde se lê sobre o 1º Encontro com Mulheres Líderes da Pastoral da Mulher de Juazeiro, o texto final que foi cortado diz “Espera-se com isso uma maior compreensão e intervenção na realidade da prostituição, além da interação dessas pessoas com a luta e a caminhada de outros segmentos populares.

## Inclusão Digital e Social das Mulheres na Pastoral da Mulher de BH



A Pastoral da Mulher de Belo Horizonte encerrou as atividades do primeiro semestre com muitos motivos para comemorar. As mulheres que tiveram uma participação mais efetiva no curso de Introdução à Informática receberam seus certificados. Houve também a exposição dos trabalhos feitos pelas mulheres nas oficinas de artesanato e bijouteria (foto abaixo).

Um dado interessante em relação à informática é que algumas mulheres não-alfabetizadas ou semi-analfabetas que utilizam a internet nos horários de acesso livre demonstraram interesse pela leitura e pelo estudo de modo geral. O acesso livre veio possibilitar o contato dessas mulheres com o computador e incentivá-las a se desenvolver e a ingressar, futuramente, no curso. De acordo com a APMM/BH, devemos considerar que estamos vivendo na chamada “Era da Informação”, sempre rodeados e cada vez mais conectados aos programas digitais e à internet. Com isso, faz-se necessária um outro tipo de inclusão, que passa pela Alfabetização Digital.

